

## Prólogo: O Caos Começa

*“Apenas uma criança brincando de espada com os amigos, e nada mais.”*

Eu tinha cerca de 8 anos quando sonhava em ser um herói, um aventureiro que caça monstros e luta contra bandidos em estradas perigosas. Eu e meus amigos íamos para um bosque próximo da aldeia, onde podíamos encontrar, no máximo, alguns coelhos brancos e marrons saltitando. Alguns de nós fingíamos ser cavaleiros esqueleto ou carcaças sombrias, e então lutávamos uns contra os outros. Cada um defendendo o seu reino ou território. Eram tempos divertidos e puros.

Mas veja onde estou agora. Em uma taverna, enchendo a cara com esses caras cujos nomes nem sei. São momentos alegres que me tiram do estresse do dia a dia, mas até eu sei que isso é uma merda. Depois de um dia desgastante, venho aqui e gasto meu dinheiro com falsos amigos e pessoas desconhecidas. Uma vida desprezível, eu digo.

Trabalho em uma forja com um mestre armeiro. Eu gosto de criar espadas e preparar materiais para armaduras novas, mas consertar placas de metal que brutamontes vestem dizendo que é uma armadura, para depois voltarem reclamando que fiz um péssimo trabalho e, ainda por cima, fazer eu mesmo pagar pelo conserto, me faz repensar se eu não devia ter ficado na casa de meu pai ajudando nos campos.

Aqui é um lugar aconchegante. Entendo o porquê de vir para cá após o trabalho. Tem música boa, uma iluminação agradável e a melhor bebida da região. Já ouvi boatos de que a cerveja daqui tem um ingrediente secreto. Dizem ser um tipo de trigo especial que é plantado junto com o comum, fazendo com que as sementes germinem de uma forma diferente e cresçam mais rápido. Mas são só boatos. Eu penso que é tudo graças ao cuidado do plantio. Como meu pai dizia: “Uma semente bem cuidada traz alegria para os clientes e moedas para casa”. Sem perceber, um sorriso aparece no canto da boca.

A porta da taverna é escancarada e um homem magro, pálido e bastante preocupado entra, caindo logo após passar da entrada.

— Eles est... eles estão chegando!! — ele diz, tentando recuperar o fôlego.

— Quem está chegando? — diz um homem alto e forte, enquanto olha para o homem estirado ao chão e beberica sua caneca.

— Os cavaleiros infernais!

— Não seja tolo. Os cavaleiros infernais não vêm para cá há anos. E eles teriam de passar pelos campos de Tenumbra para chegarem aqui. Seríamos avisados antes que conseguissem nos alcançar.

— Tenumbra está... em ruínas. — diz o homem caído, se esforçando para conseguir falar.

O homem forte bate sua caneca na mesa e se levanta. Com passos largos, vai em direção ao homem próximo à porta e o segura pela gola da camisa.

— Não brinque com isso, seu bastardo! Do que diabos está falando?!

— Eu vim de lá... não sei por que me deixaram escapar, mas me disseram para avisar que estavam chegando em Santa Calis...

— O quê?! Mas Santa Calis é uma cidade enorme e bem protegida. Mesmo se atacassem de surpresa, ainda teriam de ser muito fortes e bem preparados só para passar do primeiro muro. Por que raios pediram para você avisar que estavam vindo para cá?

— Eu... eu não sei! Mas eles eram muitos! Mais de 100 mil homens. E tinham um líder que parecia muito poderoso. Ele não vestia vermelho como os outros. Ele vestia preto e não usava sequer uma armadura forte. Apenas ombreiras e um peitoral que parecia fino. Ele montava um cavalo negro como a noite. Mesmo vindo na frente, eu demorei a vê-lo até que ficou sob a luz das lanternas. Chamavam ele de Senhor Cornéis...

— Cornéis... — diz o homem forte, reflexivo, soltando o mensageiro assustado.

Vários homens se levantam repentinamente e, pegando suas coisas, saem às pressas pela porta da taverna.

Eu não sabia o que estava acontecendo e nem quem era esse tal Cornéis, mas sabia que aquilo não era nada bom e que precisava sair dali. Estava prestes a alcançar a porta quando um grito desesperado ecoa do lado de fora. Logo após vem outro, seguido de barulhos de pessoas correndo e batidas fortes. A porta se abre me atirando para trás, fazendo-me cair sobre uma mesa.

Um homem completamente de vermelho, com uma armadura que tinha detalhes que aparentavam ser espinhos saindo dos ombros e do capacete, adentra olhando para todos os presentes. Soltando um som que parecia uma risada abafada, ele saca sua espada e balança na direção do mensageiro. O homem forte saca rapidamente uma adaga longa e o defende.

— Saiam daqui! — ele berra para todos.

Sem muita demora, todos estavam saindo pela porta. O cavaleiro de vermelho se vira para acertar aqueles que estão correndo, mas o homem joga seu corpo contra ele, fazendo-o cair para o lado.

— Seu oponente sou eu! — diz, avançando contra o cavaleiro caído.

Eu não tive muito tempo para ver se aquele bravo homem ganharia daquele demônio. Quando me dei por mim, estava correndo para fora, esbarrando em quem estivesse em minha frente. Até que tropeço em algo, e quando me viro para olhar, era uma mulher com o rosto deformado. Quase não consigo conter meu enjoo. Viro o rosto e me levanto, continuando a correr. Muitas pessoas desesperadas correndo e mais cavaleiros

iguais àquele da taverna. Eles pareciam muito fortes e sedentos por sangue. Alguns gargalhavam enquanto incendiavam casas. Olhando ao longe, parecia que já haviam conseguido invadir o castelo, que também estava em chamas.

— Quando eles chegaram?! Como já fizeram tudo isso? Que o senhor nos proteja...

Enquanto me esgueirava por um beco em direção à saída da cidade, senti uma mão tocar meu ombro levemente. Instintivamente, virei e acertei uma cotovelada em quem quer que estivesse atrás de mim.

— Argh! Espera! Sou eu! O mensageiro da taberna...

Ele cobria o rosto um pouco abaixo do olho esquerdo, provavelmente onde eu o acertei. Ele não era muito mais baixo que eu, mas encolhido do jeito que estava, aparentava ser bem pequeno.

— Desculpa! Achei que fosse um daqueles monstros. O que está fazendo aqui?

— Eu estava te seguindo... Não sabia para onde ir.

Compreensível, já que todos saíram desesperados da taverna. Mesmo assim, por que ele escolheu me seguir? De qualquer forma, acho que ele pode ser útil.

— Tudo bem. Precisamos sair dessa cidade antes que nos encontrem.

— Mas o que faremos lá fora? Existem monstros por todo lado e animais selvagens que podem nos dilacerar!

— Não temos escolha. É sobreviver aos animais ou a esses demônios. Sinceramente, acho que consigo lidar com algumas feras. Agora, contra eles...

Ele parece refletir um pouco, e eu até pensei que fosse dizer que era uma má ideia. Mas, ao ouvir um enorme estrondo vindo de não muito longe, ele deu um pulo e começou a andar rapidamente na direção que eu estava indo.

— Você tem razão. É melhor irmos.

Nos aproximando do portão principal, não parecia haver nenhum dos cavaleiros. Apenas o rastro de destruição e sangue que eles deixaram. Poderíamos sair tranquilamente se não fosse pelo ressoar de cascos trotando pela estrada de tijolos cidade adentro. Um cavalo negro como a noite marchava pelo portão. Montado nele, um homem vestido da mesma cor do animal. Se não fosse pelo som dos cascos, imagino que teria avançado e não o teria notado até estar muito próximo.

— É ele... — disse o homem que me acompanhava.

Olhei para aquela expressão aterrorizada que ele esboçava e então voltei a olhar para aquele ser amedrontador. Ele olhava para todas as direções, movendo sua cabeça lentamente. Parecia deslumbrado com o que observava. Quando estava prestes a olhar

em nossa direção, escondi-me e esperei. Voltei a espiar novamente só quando ouvi o barulho dos cascos se afastarem. Notei que estava com a mão tremendo, então segurei meu pulso e avancei para fora da cidade em ruínas.

## Capítulo 1: O Muro Interior

O eco dos cascos do cavalo negro ainda reverberava em meus ouvidos enquanto nos movíamos furtivamente pelas ruas devastadas. A cidade, uma vez vibrante, agora parecia um cemitério.

— Precisamos passar pelo muro interior — eu disse, quebrando o silêncio. — Os campos além dele são nossa melhor chance de encontrar abrigo e provisões.

O mensageiro assentiu, mas eu podia ver o medo em seus olhos.

A cidade de Santa Calis era dividida em sete muros, os quais separavam o povo em classes. O primeiro rei decidiu fazer dessa forma para dificultar a invasão de inimigos, ou pelo menos retardá-los para que a realeza, e aqueles que estavam nos muros mais internos, conseguissem escapar. Não sei se funcionou, já que, ao que parece, os tais cavaleiros infernais conseguiram invadir tão rapidamente.

As classes eram divididas para manter uma certa quantidade de trabalhadores em determinadas áreas, visto que você só podia trabalhar com a profissão que herdava de seus pais e dificilmente era permitido o relacionamento entre pessoas de classes diferentes. Os soldados eram os únicos que poderiam subir de cargo e alcançar uma classe melhor, contanto que se destacassem em guerra e conseguissem retornar dela, é claro. Ou por meio de indicações internas de pessoas importantes. Dessa forma poderia ser um guarda do castelo. Mas você poderia transitar por entre todos os muros contanto que fosse cidadão de Santa Calis.

A primeira classe, ou seja, a que estava bem ao centro da cidade, pertencia à realeza, obviamente. A segunda, que cercava a primeira, pertencia à igreja e ao parlamento. O terceiro abrigava parte do exército, como: os cavaleiros de elite, os guardas do castelo e soldados renomados. A quarta era para pintores e qualquer tipo de artista. A quinta era para o resto do exército. Seguida pela sexta que mantinha comerciantes independentes e trabalhadores de diversas áreas. Pessoas comuns no geral. Sendo essa a que ocupávamos. Essa classe é o máximo que estrangeiros e mendigos podem avançar. Por fim, a última classe, a que estamos indo em direção, é a que porta os campos, os agricultores, os animais e tudo que se possa cultivar para fazer alimentos.

— E se... eles já estiverem lá? — o mensageiro perguntou, a voz tremendo.

— Então teremos que lutar — respondi, tentando manter a calma. — Não temos outra escolha.

Aproximamo-nos do muro interior, uma estrutura imponente que separava a cidade dos campos de cultivo. O portão estava escancarado, sinais de luta por toda parte. Corpos espalhados pelo chão, as marcas de batalha recentes evidentes.

— Vamos rápido — eu disse, puxando o mensageiro pela manga. — Não podemos perder tempo.

Enquanto passávamos pelo portão, os sons de combate começaram a ecoar ao longe. Percebi figuras se movendo entre as fileiras de trigo alto, sombras sinistras que nos observavam.

— Fique perto — murmurei. — Precisamos chegar ao outro lado antes que nos vejam.

Seguimos pelo campo, usando as plantações como cobertura. O cheiro de terra e sangue enchia o ar. O medo era palpável, mas não podíamos parar.

De repente, um grito e uma gargalhada alta ressoou e um cavaleiro a cavalo começou a vir em nossa direção.

— Corra! — eu gritei, empurrando o mensageiro para frente.

Corríamos o mais rápido que podíamos, com o som de perseguição atrás de nós. Cada passo nos aproximava do último muro, a barreira final antes da floresta e da liberdade.

— Ei! Venha aqui, seu animal! — uma voz gritou atrás de nós.

Me virei para ver o que estava acontecendo e vi uma camponesa sob um poste de luz. Ela encarava um cavaleiro que virou o cavalo na direção dela e começou a avançar lentamente. Ele falou algumas palavras que não pude entender. Parecia outra língua.

A camponesa começou a correr para uma escuridão que a fez desaparecer de vista. O cavaleiro foi atrás.

— É melhor corrermos. — disse o mensageiro, puxando-me pelo braço. Eu podia ver a preocupação em seus olhos.

Enquanto corríamos, minha mente não parava de se perguntar: quem era aquela garota? E por que ela nos ajudou? A inquietação crescia dentro de mim, mas não havia tempo para refletir.

Depois de não muito tempo de corrida, conseguimos alcançar o último portão. A muralha que circundava toda a cidade era, sem dúvida, imponente. Ao atravessarmos a saída, senti um pequeno alívio, mas ainda não podíamos parar.

Podíamos ter corrido quilômetros, mas parecia ainda não ser suficiente. A sensação de que, assim que parássemos, eles nos alcançariam. Minhas pernas queimavam como brasas, meu peito doía, meu corpo estava exausto e minha respiração quase me deixava. Mesmo assim, não era o suficiente. Não! Ainda tínhamos que continuar. Não podíamos ser pegos. O sacrifício daquela desconhecida não poderia ter sido em vão. Eu não permitiria que fosse. Ainda me perguntava as razões para ela ter feito o que fez.

— Espere... — O mensageiro parou, sem forças, apoiado em uma árvore. Parecia que a árvore era a única coisa que o mantinha de pé. Ele deslizou até ficar sentado na grama, ofegante. — Não consigo mais continuar...

— Não podemos parar! Eles vão nos alcançar e... — Uma estranha sensação tomou conta do meu corpo. Tudo parecia embaçado. Uma tontura me pegou desprevenido e cambaleei, andando apenas alguns passos até não conseguir enxergar mais nada.

Despertei com um pedaço surrado de pano úmido na cabeça e uma dor quase insuportável na parte de trás do pescoço. Não conseguia sentir nenhum dos meus membros. Não podia me mover. Arregalei os olhos e tentei olhar em volta. Nos alcançaram? Eu estava muito inquieto. O que fizeram com meu companheiro?

— Ah, olha só. Você acordou. — Uma voz familiar. Ele estava comigo.

— O que houve? Não lembro de muita coisa... — Quase não pude ouvir minha própria voz. Nem parecia uma fala, mais como um chiado.

— Você parece péssimo. Acho que se esforçou muito. — Ele pôs a mão sobre a minha testa, aparentando preocupação.

Conseguia sentir o calor de uma fogueira próxima, mas não podia vê-la. Ele se afastou e então retornou com algumas folhas de aroma peculiar.

— Mastigue estas. — Ele pôs algumas em minha boca. — Serviriam melhor em um chá, mas não consegui encontrar nada em que pudesse ferver água... — Ele levantou-se e deu alguns passos, sentando-se ao meu lado. — De qualquer forma, nem temos água mesmo. — Ele sorriu. — Pelo menos você parece bem... na medida do possível.

Engoli as folhas que tinham um gosto similar a hortelã, com um toque de alecrim. — Obrigado..., mas o que... — Fui interrompido por um balançar de folhas logo atrás de nós.

— Mas o que! Será que eles... — Ele se levantou assustado, pegando um pedaço de pau que serviria de lenha mais tarde.

As folhas balançaram mais ferozmente e então pararam. Um silêncio se seguiu. Não podia ver muito, mas meu amigo parecia preocupado.

— Havia alguém nos observando... Tenho certeza. Mas por quê? — Ele relaxou um pouco, mas ainda estava alerta, pronto para atacar se alguém surgisse. — Ficarei de guarda a noite toda, não se preocupe. — Disse com confiança, um sorriso acolhedor no rosto.

Eu não queria deixar meu amigo guardar sozinho. Eu sabia que ele estava tão cansado quanto, ou até mais, do que eu. Foi uma noite péssima para qualquer um a pelo menos três quilômetros de distância daquela cidade. O medo tomava conta de qualquer um nessas condições. E o desespero... De repente, percebi que não sabia o nome daquele que me acompanhava até aqui.

— Eu acho que não sei seu nome... — Minha voz saiu tão fraca que nem mesmo eu pude ouvir.

— Como?

— Seu nome... — Ainda fraca, mas audível.

— Ah, sim.... Meu nome é Kalifh. Kalifh de Ilkan. — Ele sorriu novamente.

Kalifh de Ilkan... Eu realmente estava feliz por tê-lo ao meu lado. Não saberia dizer se teria conseguido me manter firme sem a companhia dele.

— Althen..., de Saibin. — Fiquei contente de conseguir pronunciar meu nome quase que normalmente.

— É um prazer, Althen. Você é um homem forte por ter aguentado tudo isso. Eu diria que você me salvou. Sou muito grato a você. — Kalifh olhou para baixo, como se estivesse repassando o que passamos nesse dia, e parecia, de certa forma, contente por algo.

Que homem tolo. Eu que precisei ser salvo. Não pude pensar muito até sentir estar perdendo a consciência novamente. Enquanto a escuridão tomava conta de mim, o som distante da floresta nos envolvia, e eu sabia que, com Kalifh ao meu lado, havia uma chance de sobrevivermos.



## Capítulo 2: Uma Nova Amizade

Desperto com um ruído e o balançar de folhas perto de mim. Abro os olhos e instintivamente me ponho sentado. Meu peito dói quase que instantaneamente. Coloco a mão sobre ele e me sinto muito tonto.

Uma voz ressoa por meus ouvidos. Algo era familiar naquilo. E então meu corpo se arrepia e, por um instante, congelo. Meus olhos arregalam-se. Viro meu rosto em direção ao som o mais rápido que minha coragem permite. Não podia acreditar no que estava vendo. Três daqueles cavaleiros infernais estavam me encarando, como se fossem capazes de enxergar até minha alma. Pareciam poder sentir meu medo como se fosse um belo aroma enquanto riam. Gargalharam como se eu fosse um palhaço fazendo uma apresentação em um palco e eles fossem a plateia apenas admirando e curtindo.

Um sentimento pavoroso tomou meu corpo, e meu medo ficou maior. Mas não dos cavaleiros que riam de mim. O cheiro de sangue que sentia não estava vindo de mim. Não estava machucado. Virei-me rapidamente para o outro lado e o vi logo ali, estirado sobre o chão, já sem vida. Não havia como descrever meu desespero, minha angústia e meu terror ao presenciar aquele cadáver tão familiar. Meu amigo já não estava mais comigo.

Eu estava em completo transe. Não podia nem ao menos piscar. Apenas observava aquela cena com as gargalhadas dos assassinos adentrando fundo em minha mente e ecoando como se fosse apenas isso que eu fosse capaz de escutar. Até que senti alguns dedos tocarem minha cabeça. Uma voz me chamava, e de repente abro meus olhos e me sento novamente.

— Que alívio! Eu achei que havia morrido — Kalifh mantinha a outra mão sobre o peito, soltando um suspiro exagerado de alívio. — Enquanto você dormia, me certificando de que não encontrava nenhum inimigo nas redondezas, andei um pouco naquela direção — disse, apontando para entre algumas árvores — Consegui encontrar um córrego. E adivinha? Consegui um pouco de argila também e até assei dois copos de barro para podermos beber a água. — Ele mostrou dois copos meio quadrados e com as bordas bem tortas, mas aparentava estar muito orgulhoso e esboçava um sorriso contente. — Não são os copos mais bonitos do mundo, mas vamos poder beber água — Ele riu.

Permaneci o encarando enquanto ele punha algumas folhas dentro das canecas. Aparentavam ser as mesmas que ele havia me dado na noite anterior. Relaxo um pouco. Tudo aquilo foi um sonho? Um horrível pesadelo... Coloco a mão sobre a testa e então percebo que já estou conseguindo me mover de novo.

— Você parece bem recuperado! — Colocando as canecas de lado, ele rolou um tronco para mais próximo de mim. — Fico contente por isso. Você dormiu por algumas boas horas. — Ele apontou para cima. — Percebe? O Sol já passou bastante do topo. Já estamos quase chegando ao fim da tarde. — Voltando a olhar para a fogueira, ele disse — Talvez seja melhor andarmos um pouco mais. Se ficarmos muito tempo aqui, podem nos encontrar. Não acha?

Assenti com a cabeça e notei que não havia dito nenhuma palavra desde que despertei do meu tormento.

— Eu acho que sim... — Minha voz saiu normalmente.

— Muito bem! — Por sorte, eu sei um jeito de transportar a brasa sem que ela apague. Dessa forma, não será difícil acendermos outra fogueira. — Então ele se levantou e começou a pegar algumas coisas.

Coçando a cabeça enquanto tentava assimilar o que aconteceu e colocar meus pensamentos em ordem, abaixei um pouco o olhar e vi que ele havia me coberto com o seu casaco. Só então notei que ele estava apenas com uma camisa e um colete fino.

Mesmo coberto com o casaco dele, estando com roupas razoavelmente equipadas para o frio e com uma fogueira próxima, eu ainda senti um desconforto durante a noite. Não consigo imaginar como ele ficou. Começo a me sentir bastante culpado.

Kalifh usou um cogumelo seco para armazenar uma brasa que de tempos em tempos ele chacoalhava para manter acesa. Achei aquilo bem impressionante. Depois de desmanchamos a fogueira, escondendo nossos rastros, partimos por uma trilha. Caminhamos bastante até encontrarmos um rio, que Kalifh disse ser bom seguirmos. Segundo ele, com sorte acharíamos algum assentamento ou talvez um moinho d'água. E estava certo. Depois de não muito tempo encontramos um moinho e uma fazenda. Inicialmente achamos ter encontrado um bom lugar para pedir por suprimentos e hospedagem. Porém, nos aproximando, percebemos que o local estava em ruínas. Provavelmente atacada pelo terrível exército. Lamentamos a morte daquelas pessoas inocentes e continuamos nossa jornada.

Com a iluminação se perdendo no horizonte, decidimos acampar novamente. Dessa vez ajudei Kalifh com o fogo que, realmente, não foi difícil acender. Coletei um pouco de lenha e ele até me ensinou outras formas de fazer uma fogueira. Havia algumas que eram mais recomendadas para o frio, como a fogueira de corpo inteiro. E outras que eram mais práticas para economizar madeira, como a fogueira estrela. Nesse ponto eu já havia devolvido o casaco do meu companheiro. Também estávamos em uma região um pouco mais quente, então não teríamos problemas com o frio.

Quando terminamos de arrumar o lugar, arrastamos um tronco caído para perto da fogueira e nos sentamos.

— Então... O que você fazia nos campos de Tenumbra antes do ataque acontecer? — Perguntei curioso.

— Eu estava ajudando alguns amigos da minha família. Eles necessitavam de gente para cuidar dos animais e das lavouras. — Kalifh cutuca um pouco o fogo com uma vareta e continua — Eu estava lá há uns cinco anos, mais ou menos. Meu pai me disse que eu deveria ser alguém melhor do que um caçador. Que deveria levar uma vida mais digna. — Ele fez uma pausa antes de continuar — Foi com ele que eu aprendi algumas das habilidades de sobrevivência que sei. Outras foi por conta própria. — Parecendo lembrar dos tempos que estava me contando, um sorriso apareceu — Ele me ensinou a usar o arco e flecha, sempre

me ajudava. Quando nós íamos caçar e eu errava ele dizia: “Foi quase, filho! Quase que você o pega!”. — Seu sorriso foi sumindo aos poucos — Outro motivo para eu ter ido embora é que nós estávamos passando por uma crise... — Diz apoiando os braços sobre as pernas — Ninguém estava querendo comprar as peles e a carne dos animais que caçávamos. Desde que caçar sem a permissão do rei tornou-se um crime grave, todos ficaram com medo de se envolver com quem fazia isso — um suspiro meio triste — E então o inverno chegou e não tínhamos dinheiro para comprar comida. — No início apenas comíamos as carcaças que havíamos caçado, mas quando essa acabou..., começamos a passar fome. O inverno passou e nós sobrevivemos, mas eu percebi que se ficasse ali, seria apenas mais uma boca para ser alimentada. Sem mim, eles poderiam estocar comida por mais tempo e não passariam o inverno com muita dificuldade. Uma pessoa a mais para ser alimentada faz muita diferença quando a comida é pouca. — Ele se endireitou e sua expressão melhorou — Então eu saí de casa e passei a ajudar nas lavouras de Tenumbra. De tempos em tempos eu os visitava com dinheiro e comida, principalmente no inverno. Uns dois anos depois da minha partida, minha mãe adoeceu e não conseguiu resistir. Meu pai se sentindo sozinho e triste, teve o mesmo destino.... Eu o visitei mais frequentemente após a morte dela, mas ele estava inconsolável e também não queria sair daquela casa. Ele dizia que morreria lá junto dela. E foi o que aconteceu. — Ele enfim olhou para mim — Eu estava sem ninguém desde então. Mas agora eu tenho você comigo. — Ele sorri e eu também.

Olho para a fogueira pensativo, refletindo sobre a história de Kalifh. O crepitar do fogo e o brilho das chamas criam uma atmosfera de introspecção.

— Eu sinto muito por sua perda, Kalifh. — Digo, finalmente quebrando o silêncio. — Parece que você fez o melhor que podia para ajudar sua família.

— Obrigado, Althen. — Ele responde, balançando a cabeça lentamente. — E você? O que te trouxe às terras de Tenumbra?

Suspiro profundamente antes de começar a falar. — Eu era apenas um viajante antes de ir morar em Santa Calis. Sempre fui curioso sobre o mundo além da minha vila natal. Meus pais sempre me encorajaram a explorar e aprender, a ver o que há além do horizonte. — Faço uma pausa, lembrando-me dos rostos dos meus pais. — Eles eram fazendeiros simples, mas sempre tiveram grandes sonhos para mim.

— Eles devem estar orgulhosos de você. — Kalifh comenta com um sorriso encorajador.

— Espero que sim. — Respondo, sentindo uma pontada de saudade e preocupação. — Depois do ataque em Santa Calis, acho que é hora de voltar para casa. Preciso ver como eles estão.

Kalifh acena com a cabeça, compreendendo. — Claro, Althen. Vamos juntos. E quando encontrarmos um lugar seguro, poderemos planejar nossos próximos passos.

Na manhã seguinte, acordamos cedo, desmontamos o acampamento e continuamos nossa jornada. Seguimos o rio, sempre atentos a qualquer sinal de perigo. O caminho é longo, mas Kalifh e eu mantemos o espírito alto, conversando sobre nossas esperanças e medos.

Finalmente, depois de alguns dias de viagem, avistamos uma pequena aldeia ao longe. Aproximamo-nos com cautela, mas somos recebidos por aldeões amigáveis. Eles nos oferecem comida e abrigo, que aceitamos com gratidão.

— Sejam muito bem vindos! Eu sou a Oliagh. — Diz uma mulher simples vestida com roupas de camponesa. Seu cabelo um pouco grisalho destacava seu rosto redondo e seus olhos escuros. — Minha casa não é muito grande, mas temos espaço para abrigar viajantes. — Ela sorri de uma maneira tão meiga que não consigo deixar de me sentir sem jeito enquanto desvio o olhar e passo a mão atrás da cabeça.

— Vocês são muito gentis. Espero que eu e meu amigo não sejamos um incômodo para vocês. — Responde Kalifh naturalmente.

Uma menininha simpática e alguns garotos começam a andar em volta de mim e Kalifh, observando nossas vestes que eram diferentes das deles.

— Imagina! Ficamos sabendo do ataque à grande cidade de Santa Calis. Estamos dispostos a abrigar sobreviventes. — Ela olha para mim e então para Kalifh ainda mantendo seu sorriso. — Podem ficar o tempo que precisarem.

— Nós agradecemos muito a hospitalidade — Enfim respondo e tento sorrir de forma natural.

Olho para aquelas miniaturas de pessoas que nos cercavam e passo a mão sobre a cabeça de uma delas sorrindo.

— Qual o seu nome, criança? — Me abaixo para conversar com ele.

— Luca, senhor! — Ele deixa seu corpo ereto e responde firmemente.

— É um prazer! Eu sou o Althen. — Sorrio amigavelmente.

— Ah..., com licença. — Uma vozinha tímida fala. Sinto a barra de meu casaco ser puxada e olho para trás. — Eu sou...a Lúcia. — Uma garotinha que parecia não ser muito mais alta do que um barril de vinho, fala timidamente.

— É um prazer conhecer você, senhorita Lúcia — Diz Kalifh se aproximando com um sorriso.

— Eu sou Bohr! — Um menino moreno, com olhos verdes, cabelos escuros e cacheados, diz enquanto mantém seus braços cruzados e um semblante de confiança.

— E eu o Tohkan! — Levantando a mão e com o rosto alegre, um garoto de cabelos castanhos e espetados afirma.

— Estamos muito felizes por podermos conhecer todos vocês! — sorrio e olho para Kalifh que estava fazendo o mesmo.

Ver todas aquelas crianças curiosas e com um ar de pureza me fazia lembrar da minha infância, dos tempos sem preocupações e com muita diversão. Uma sensação nostálgica toma meu corpo e meus olhos lacrimejam um pouco.

Oliagh nos guiou para sua casa. Um lugar bastante acolhedor. Os móveis eram simples, feito de madeira, mas muito bem trabalhados e com detalhes que davam um ar de simplicidade e perfeição ao mesmo tempo. A casa tinha dois andares, com os quartos no andar superior.

Enquanto subíamos as escadas, a porta se abriu, entrando um homem encorpado, com uma barba espessa, usando um chapéu de palha.

— Então esses são os visitantes dos quais ouvi falar! — Ele se aproximou de Kalifh e o cumprimentou com um aperto de mão e, logo após, dirigiu-se a mim.  
— Me chamo Katreh. Sou o senhor dessa casa. — Disse sorrindo amigavelmente  
— Imagino que já tenham conhecido minha esposa, Oliagh. — Ele se aproximou de sua esposa e a enlaçando com um dos braços.

— Com certeza — Respondi sorrindo — Sua esposa foi muito receptiva.  
Agrademos muito por nos deixarem ficar em vossa residência.

Kalifh assentiu com a cabeça. Então, após nos acomodarmos, sentamos à mesa com o casal e lhes contamos a história da nossa jornada. Eles ouviram atentamente concordando com a cabeça e fazendo perguntas, às quais respondíamos contentes por finalmente termos com quem compartilhar nossa aventura.

Depois de um tempo de conversa, eles nos serviram o jantar e todos fomos nos deitar. Eu estava no mesmo quarto que Kalifh, mas em camas diferentes.

— Kalifh.

— Sim? — Ele respondeu, virando-se em minha direção.

— Estou contente por termos encontrado esse lugar.

— Eu também. — Ele concordou, parecendo animado — Mal posso esperar para conhecer a aldeia amanhã.

— É mesmo. — Sorri — Boa noite.

— Boa noite, Althen.

## Capítulo 3: O Amanhecer de Novas Esperanças

O primeiro raio de sol da manhã atravessava a janela do pequeno quarto, iluminando suavemente o ambiente. Acordei com o som dos pássaros cantando do lado de fora e me espreguiceei, sentindo os músculos ainda doloridos pela longa jornada. Olhei para o lado e vi Kalifh ainda dormindo, com uma expressão tranquila no rosto.

Levantei-me devagar, tentando não fazer barulho, e caminhei até a janela. O vilarejo estava começando a despertar. Camponeses já estavam nos campos, cuidando das colheitas, e algumas crianças corriam e brincavam pela rua de terra batida. O cheiro de pão recém-assado chegava até meu nariz, trazendo uma sensação de paz e acolhimento que eu não sentia há muito tempo.

Enquanto observava a cena, uma leve brisa matinal fez as cortinas balançarem, e senti um toque suave de esperança renovada. Estávamos longe dos perigos que nos perseguiram, e pela primeira vez em dias, parecia que tínhamos um momento para respirar e nos recompor.

Decidi descer para encontrar Oliagh e Katreh e oferecer ajuda nos afazeres da manhã. Ao chegar à cozinha, fui recebido por Oliagh, que já estava preparando o café da manhã.

— Bom dia, Althen. Dormiu bem? — Perguntou ela com um sorriso caloroso.

— Bom dia, Oliagh. Dormi sim, muito obrigado. — Respondi, retribuindo o sorriso. — Há algo em que eu possa ajudar?

— Ora, claro que sim! — Disse ela animada. — Você poderia me ajudar a levar essas cestas de pão para os campos? Os trabalhadores vão precisar de um bom café da manhã para começar o dia.

Peguei as cestas e saí para os campos, onde fui recebido com olhares curiosos e sorrisos amigáveis. Ao entregar os pães, troquei algumas palavras com os camponeses, conhecendo suas histórias e desafios. Aos poucos, senti-me parte daquela comunidade, mesmo que apenas temporariamente.

— As pessoas daqui parecem tão amigáveis com todo mundo, mesmo com forasteiros como eu e Kalifh. — Comentei com Oliagh, um pouco intrigado.

— Normalmente, não temos muitos visitantes, então ficamos felizes por vermos rostos novos depois de tanto tempo. — Oliagh respondeu com serenidade.

Fiquei pensativo sobre aquilo. Aquela aldeia era realmente isolada. Depois que perdemos o caminho do rio em nossa jornada, eu e Kalifh começamos a andar em uma só direção. Subimos uma montanha e, enfim, avistamos esse lugar tão pequeno e escondido. Só há montanhas ao nosso redor e alguns pequenos bosques. O resto do lugar é preenchido com campos de pasto e lavouras. Parecia um tipo de paraíso.

Quando voltei para a casa, Kalifh já estava acordado e conversava animadamente com Katreh na sala. Ao me ver, Kalifh sorriu e acenou.

— Althen! Katreh estava me contando algumas histórias de quando ele era mais jovem. Ele até me falou sobre como conheceu Oliagh. — Kalifh parecia empolgado.

— Ah, é mesmo, Katreh? — Oliagh provocou Katreh em um tom brincalhão, e todos rimos.

Olhando para aquele casal, para Kalifh, para mim, eu até penso que parecemos uma família. Depois de tanto tempo rodeado de estranhos, sentindo-me sozinho e sem pessoas a quem confiar, eu gosto de ver que agora tenho companheiros que se divertem junto comigo.

— Tudo bem, Althen? — Levanto o olhar e vejo que os três me observavam. Kalifh parecia um pouco preocupado. E então noto que uma lágrima estava escorrendo pelo meu rosto sem eu perceber.

— Está tudo ótimo! — Digo enxugando aquela gotinha de alegria — Eu só estou tão feliz por estamos bem agora e rodeado de pessoas gentis como Oliagh e Katreh.

— Oh, querido. — Oliagh se aproxima de mim — Nós é que estamos contentes por termos dois jovens tão simpáticos conosco. — Ela sorri, pondo sua mão em meu ombro.

— Pode acreditar! — Confirma Katreh — É ótimo ver caras novas por aqui depois de tanto tempo, ainda mais sendo pessoas boas.

Sorrio e confirmo com a cabeça. Olho para Kalifh, agora em pé com seu sorriso amigável em minha direção. Ele nem parece aquele homem que entrou caindo pela porta daquela taverna. É impressionante como a aparência pode mudar quando se está em outro ambiente, em outra situação.

Katreh foi para o campo. Ele gerencia o trabalho dos camponeses. É um trabalho mais leve do que lidar com o trabalho braçal, mas sempre que ele estava livre eu o via ajudando nos campos ou com os animais. Kalifh estava ajudando os camponeses com a terra. Sua habilidade com o plantio e cultivo impressionou até mesmo os que já tinham uma idade mais avançada de experiência. Ele disse que era apenas a prática, mas ao meu ver ele tem um dom nato para qualquer atividade prática de sobrevivência.

Resolvi ajudar Oliagh mais um pouco para não a deixar fazer todas as tarefas sozinha. Mesmo parecendo que ela não precisava de nenhum auxílio, já que fazia a maior parte e terminava muito rápido os afazeres. Me senti um pouco inútil por isso, mas ela me confortou dizendo que tinha muito mais tempo fazendo aquilo do que eu.

Depois que estava tudo terminado, saí para conhecer mais a aldeia. As pessoas acenavam e sorriam quando eu passava por elas. Vi várias crianças correndo e se divertindo, mas mesmo elas me cumprimentavam quando passavam próximas a mim. Todas as casas eram simples e modestas, mas incrivelmente bonitas. Aparentavam ter um ar rústico e preservado. Também tinham um padrão, todas com as bases feitas de pedras até a altura das janelas, as paredes de argila que variavam um pouco as cores, e o telhado de madeira coberto com palha muito bem ajustado. Um lugar tão lindo, intocado pelo mal, mas parecendo tão frágil de certo modo.

De repente, senti-me na obrigação de proteger tudo isso. Seria com um guardião para eles. Eu não sabia muito sobre combate, então resolvi que deveria treinar e me tornar forte. Não poderia permitir que acontecesse aqui o mesmo que ocorreu em Santa Calis. Já estava decidido. Eu me tornaria um herói que defenderia aqueles que precisassem. Preservar o bem e manter a paz para as pessoas boas seria a minha motivação e objetivo.

— Primeiro eu preciso arrumar uma espada de madeira, assim vou logo começar a praticar. — Falei comigo mesmo, empolgado para começar. — Talvez eu devesse perguntar para alguns moradores da vila se eles sabem lutar. Isso poderia me aju...

— Falando sozinho, Althen? — Kalifh disse escorado em uma cerca de madeira recém consertada, me encarando com um semblante curioso e intrigado.

— Kalifh, meu amigo. Eu encontrei meu motivo de vida! — Me aproximei gesticulando com as mãos, vibrante.

— Mas que ótima notícia! E qual seria?

— Ser um salvador. Um herói para os mais fracos. — Respondi espontâneo e convicto.

— Ora, por que não? — Ele riu em aprovação. — Mas você entende que esse caminho não será fácil, não é companheiro? — Com um tom mais sério ele se desencostou do cercado, cruzou os braços e me encarou.

Depois de um breve silêncio, respondi — Com certeza..., mas estou determinado a conseguir. Custe o que custar!

Pondo sua mão em meu ombro e aliviando sua expressão, ele me disse — Então vamos logo começar! Você sabe lutar?

— Bom...não. Eu ia agora perguntar para alguns moradores se algum deles poderia me ajudar.

— Eu vou com você. Vamos passar primeiro na casa de Oliagh e perguntar se ele conhece alguém. — Concordei e fomos falar com Oliagh.

Enquanto íamos em direção à nossa hospedagem temporária, tirei um tempo para observar mais uma vez tudo o que estava vivendo ali. Me perguntava se teria alcançado essa paz estando naquela forja em Santa Calis. Provavelmente não.

Kalifh e eu andávamos lado a lado, e eu podia perceber que ele também se sentia à vontade ali. A expressão relaxada em seu rosto, a maneira como ele cumprimentava os aldeões, tudo indicava que ele estava começando a se apegar ao vilarejo assim como eu.

Quando chegamos à casa de Oliagh, o sol já estava mais alto, iluminando a fachada de pedra com uma luz dourada. As flores no jardim da frente brilhavam com orvalho matinal, a grama verde e fofa destacava a pequena trilha que levava até a porta da residência, e o som das galinhas ciscando no quintal completava a cena bucólica. Kalifh



bateu à porta e, em poucos segundos, Oliagh apareceu, nos recebendo com seu habitual sorriso caloroso.

— Olá, meninos! Podem entrar, vamos. — Ela nos esperou adentrar na casa e então fechou a porta, vindo logo atrás de nós. — Vocês não precisam bater, é só entrar. Essa casa é de vocês também enquanto estiverem conosco.

Nos guiando até a cozinha ela nos mostrou a mesa de jantar. Logo ao me aproximar da mesa senti o cheiro dos bolinhos recém assados que estavam sobre ela. O aroma do chá de laranja que ela estava fervendo em seu fogão complementava a sensação de aconchego e despertava a minha fome suavemente. Olhando para Kalifh, tive certeza que ele estava sentindo-se da mesma forma, pois seus olhos estavam fixos na sexta a nossa frente. Antes de ele virar o rosto para limpar sua boca, notei que estava salivando de vontade de comer aqueles bolinhos. Sentamo-nos observando Oliagh pegar a chaleira com o chá e servir-nos. Ela, então, juntou-se a nós na mesa.

— Vamos, comam. Fiz especialmente para vocês. — Com os braços apoiados na mesa um sobre o outro, ela nos observava começar a comer, sorrindo simpaticamente.

Ao pegar aquele bolinho, senti a macies dele e beliscando um pedaço, pude ver a massa no interior tão fofa e assada no ponto certo. Ao pôr na boca, pude sentir o incrível sabor de canela, gengibre e um suave toque de vinho ao final. Saboreei aquele primeiro pedaço como se fosse o único que eu pudesse comer. E a cada mordida eu me perdia naquela sensação maravilhosa. Bebericando aquela caneca de chá eu me sentia completo. A calmaria do ambiente e o cantarolar dos pássaros na janela quase me fizeram esquecer do motivo de ter vindo até Oliagh. Mas foi apenas após ter comido mais três bolinho que me ajeitei na cadeira e me pus virado na direção dela para conversar.

— Bom, Oliagh. Viemos aqui para lhe perguntar algo. — Fiz uma pausa e a observei. Após ela assentir com a cabeça, continuei. — Eu quero me tornar um herói, mas para isso eu preciso aprender a lutar, tanto para defender os outros, quanto para defender a mim mesmo. E eu gostaria de saber se você não conhece alguém que poderia me passar seus conhecimentos.

Servindo-se com um pouco de chá, ela virou um pouco sua cabeça em direção a janela e ficou em silêncio por um tempo. — Nós tínhamos um monge que morava nessa vila. Ele era um exímio combatente usando várias armas, mas com preferencia em armas de haste. — Após pausa para bebericar sua caneca, continuou — A que ele mais usava, e a sua principal, era a lança de bambu. Nunca vi ninguém manejar uma como ele. Você poderia estar com qualquer equipamento, ele te desarmava e o derrubava em um piscar de olhos. — Enfim ela pôs seu olhar em nossa direção. — Infelizmente, ele não se encontra mais na aqui. Partiu a cerca de dois anos.

— É uma grande pena. Mas ele não disse para onde estava indo? — Kalifh perguntou.

— Lembro de ter comentado que iria para um templo obter mais conhecimento. Não lembro o nome, no entanto. — Conclui, levando o chá até sua boca, novamente.

Abaixo um pouco o olhar, mas logo espanto o desanimo. Estava determinado a aprender, mesmo que tivesse que ser sozinho.

— Ah sim... — Ela comenta, parecendo lembrar-se de algo — Tem um homem que, quando tinha um pouco mais que a idade de vocês, praticava com uma espada de madeira. — Servindo-se com um pouco mais de chá, prossegue — Ele também praticou um tempo com esse monge qual eu citei. Não muito, pois o monge passava a maior parte do dia vagando pelas colinas, mas obteve alguma experiência. Ele vive em uma casa um pouco afastada da vila. Não muito longe.

— Isso é incrível! Podemos ir falar com ele, então. — Digo, me animando novamente e levantando-me.

— E é o que faremos. — Kalifh levantou mais suavemente que eu e ajustou sua cadeira para baixo da mesa.

— Se é assim..., para chegarem na casa dele, apenas sigam pelas plantações de milho até atravessarem uma ponte sobre um pequeno riacho. Depois virem na estrada à esquerda e andando um pouco vocês encontrarão uma trilha de grama pisada. Sigam ela e vão achar o lugar.

— Muito obrigado, Oliagh. Sou muito grato por você ter compartilhado essa informação conosco. — Vou até ela e, apoiando as duas mãos em sua cabeça, beijo sua testa.

Kalifh abre bem seus olhos surpreso, mas logo disfarça e começa a ir em direção a saída. Pega desprevenida pela ação inesperada, ela sorri paralisada e boquiaberta. Depois de alguns segundos, acena mexendo um pouco a mão para nós enquanto saímos pela porta da casa.

Ao sairmos da casa de Oliagh, a luz do sol já estava mais forte, iluminando as plantações ao nosso redor, aparentando estar quase próximo do meio-dia. A brisa suave carregava o cheiro fresco das lavouras, e os sons da natureza criavam uma melodia tranquila que acompanhava nossos passos. Caminhando no mesmo ritmo, Kalifh e eu íamos em direção às plantações de milho, seguindo as orientações de Oliagh.

Passamos pelos campos verdejantes, onde os caules de milho balançavam suavemente com o vento. O som das folhas roçando umas nas outras era relaxante, quase hipnótico. Atravessamos a ponte sobre o riacho, onde a água cristalina corria alegremente, refletindo o azul do céu. A visão do riacho e o som da água corrente trouxeram uma sensação de serenidade, e por um momento, senti como se o tempo estivesse desacelerando.

— Parece um sonho, não é? — Kalifh comentou, quebrando o silêncio. — Este lugar é tão pacífico.

— Sim, é realmente incrível. — Concordei, sentindo uma gratidão crescente por estar ali.

Após a ponte, seguimos pela estrada à esquerda, como Oliagh havia indicado. A estrada continha pequenas flores silvestres brotando nas margens, pintando o caminho com suas cores vivas. Andamos em silêncio por alguns minutos, apreciando a beleza simples da paisagem ao nosso redor.

Logo avistamos a trilha de grama pisada que Oliagh mencionara. Ela se desviava da estrada principal e adentrava em um pequeno bosque. A trilha era estreita, mas bem definida, e seguimos por ela com facilidade. O som dos nossos passos sobre a grama era abafado, e a sombra das árvores ao nosso redor criava um ambiente fresco e acolhedor.

Enquanto caminhávamos, observei os detalhes ao nosso redor. As folhas das árvores balançando suavemente, a luz do sol filtrando-se pelos galhos e criando padrões de sombra no chão. O canto dos pássaros ecoava entre as árvores, e eu podia sentir a vida pulsando em cada canto daquele lugar.

Após alguns minutos de caminhada, a trilha começou a subir uma pequena colina. O terreno era levemente íngreme, mas nada que dificultasse nossa jornada. No topo da colina, avistamos uma casa modesta, construída com madeira e pedras, rodeada por um pequeno jardim bem cuidado. A casa tinha uma aparência simples, mas emanava uma sensação de calor e acolhimento.

— Parece que chegamos. — Disse Kalifh, olhando em direção à casa.

— Sim, acho que é aqui. — Respondi, sentindo uma mistura de excitação e nervosismo.

Aproximamo-nos da porta da casa e bati levemente. Esperei alguns segundos, ouvindo o som dos nossos corações batendo ao mesmo tempo que ouvíamos o som de passos aproximar-se. A porta se abriu, e um homem de meia-idade, um pouco curvado, apareceu. Ele tinha uma expressão serena e seus olhos azuis muito fracos, quase transitando para o cinza, transmitiam sabedoria e experiência. Seu cabelo grisalho estava penteado quase todo para trás, com exceção de duas mechas logos acima das têmporas, que caíam sobre seu rosto. Ele vestia roupas simples e modestas, feitas de couro. Uma camisa branca, de tecido fino, podia ser vista por baixo. Não estava usando nenhum calçado.

— Bom dia. — Cumprimentei. — Somos amigos de Oliagh. Ela nos disse que você poderia nos ajudar a aprender a lutar.

O homem nos observou por um momento, depois sorriu gentilmente.

— Entrem, por favor. Vamos conversar. — Disse ele, abrindo a porta para nos receber.